

“Ao Ouvido de Madame X e Fumo do Meu Cigarro”. As crónicas de Júlio Dantas e Augusto de Castro na I Guerra Mundial – LUÍS TRINDADE

Birkbeck College, University of London

l.trindade@slc.bbk.ac.uk

A I Guerra Mundial é normalmente entendida como um momento central para o modernismo. Central porque ocorreu no meio do imenso trabalho de ruptura artística a que se vinha assistindo desde o início do século. Mas central também na medida em que passou a ser a medida da crise de representação que o modernismo também foi. A recusa das narrativas, das harmonias e da figuração foi, antes de mais, uma resposta dada perante um acontecimento cuja brutalidade parecia escapar a todas as formas de representação conhecidas. Mas o modernismo foi muito mais do que as vanguardas que reinventaram as formas de expressão. Para além de Stravinsky, Picasso e Proust, ou, em Portugal, Fernando Pessoa ou Almada Negreiros, a necessidade de exprimir a modernidade do século XX e a guerra moderna das trincheiras foi igualmente sentida por todos aqueles que no quotidiano dos jornais reinventavam dia a dia as formas de escrever sobre a realidade. Nos anos da guerra, dois dos jornalistas e escritores portugueses mais populares, Júlio Dantas e Augusto de Castro, transformaram a crónica jornalística em Portugal, dando-lhe um carácter leve, divertido e descomprometido, aparentemente distante das preocupações da guerra, mas por onde a angústia dos tempos é legível no próprio desejo de evasão. Eles foram, naquele momento, e para o vasto público dos jornais, um paliativo, uma espécie de modernismo moderado que permitiu aos leitores entrarem no século XX de uma forma menos brutal.